



Avaliação,
Políticas
e Expansão
**da Educação
Brasileira 7**

**Willian Douglas Guilherme
(Organizador)**

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Avaliação, Políticas e Expansão da
Educação Brasileira 7

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A945 Avaliação, políticas e expansão da educação brasileira 7 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira; v. 7)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-464-1

DOI 10.22533/at.ed.641191007

1. Educação – Brasil. 2. Educação e Estado. 3. Política educacional. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.

CDD 379.981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

O livro “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira” contou com a contribuição de mais de 270 artigos, divididos em 10 volumes. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da educação, sobretudo, avaliação, políticas e expansão da educação brasileira.

A temática principal foi subdividida e ficou assim organizada:

Formação inicial e continuada de professores - **Volume 1**

Interdisciplinaridade e educação - **Volume 2**

Educação inclusiva - **Volume 3**

Avaliação e avaliações - **Volume 4**

Tecnologias e educação - **Volume 5**

Educação Infantil; Educação de Jovens e Adultos; Gênero e educação - **Volume 6**

Teatro, Literatura e Letramento; Sexo e educação - **Volume 7**

História e História da Educação; Violência no ambiente escolar - **Volume 8**

Interdisciplinaridade e educação 2; Saúde e educação - **Volume 9**

Gestão escolar; Ensino Integral; Ações afirmativas - **Volume 10**

Deste modo, cada volume contemplou uma área do campo educacional e reuniu um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis do ensino.

Entregamos ao leitor a coleção “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira”, divulgando o conhecimento científico e cooperando com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A COMPREENSÃO DE LETRAMENTO DOS ALFABETIZADORES DE JOVENS E ADULTOS	
Maria Isabel Tromm	
Rosana Mara Koerner	
DOI 10.22533/at.ed.6411910071	
CAPÍTULO 2	6
A FORMAÇÃO E O FORTALECIMENTO DA LINGUAGEM TEATRAL COMO ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA PRÁXIS DOCENTE	
Hugo de Melo-Rodrigues	
José Albio Moreira de Sales	
Cicera Sineide Dantas Rodrigues	
Tatiana Maria Ribeiro Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6411910072	
CAPÍTULO 3	14
A IMPORTÂNCIA DA ESPECIFICIDADE DA LINGUAGEM LITERÁRIA PARA UMA EDUCAÇÃO CRÍTICA	
Susana Vieira Rismo Nepomuceno	
Gabriela Alves Ferreira de Oliveira	
Andréa Portolomeos	
DOI 10.22533/at.ed.6411910073	
CAPÍTULO 4	23
A UTILIZAÇÃO DE TEXTOS JORNALÍSTICOS COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO CIENTÍFICA	
Rosemary Carvalho de Sousa	
Raphael Alves Feitosa	
Gerlyson Rubens dos Santos Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6411910074	
CAPÍTULO 5	29
AQUISIÇÃO DAS PRIMEIRAS FORMAS DA LINGUAGEM INFANTIL	
Givaldo Carlos Candrinho	
DOI 10.22533/at.ed.6411910075	
CAPÍTULO 6	33
ATIVIDADES DO PROJETO CAMINOS: ENTRE A LÍNGUA, A LITERATURA E A CULTURA ARGENTINA	
Carla Luciane Klos Schöninger	
Iasmin Assmann Cardoso da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6411910076	
CAPÍTULO 7	40
DA PAIDEIA NA GRÉCIA CLÁSSICA À RELAÇÃO COM O <i>CORPO UTÓPICO</i> FOUCAULTIANO: ILAÇÕES SOBRE O DIÁLOGO DO DRAMATURGO ARISTÓFANES NO BANQUETE, DE PLATÃO	
Yvisson Gomes dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6411910077	

CAPÍTULO 8	49
DALCÍDIO JURANDIR: UM ENSAIO SOBRE O ROMANCE DE FORMAÇÃO E A LITERATURA FORMATIVA	
Osileide de Jesus Lira Luzia Batista de Oliveira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6411910078	
CAPÍTULO 9	59
DESDE LA GESTIÓN DE COMPETENCIAS PLURILINGÜES EN HONDURAS HACIA EL DISEÑO DE UNA MAESTRÍA INNOVADORA EN DIDÁCTICA DE LENGUAS Y CULTURAS	
Jean Noel Cooman José Alexis Espino	
DOI 10.22533/at.ed.6411910079	
CAPÍTULO 10	70
DESVENDANDO UM LUGAR NO TEATRO POR MEIO DO DANJURO: A TÉCNICA A FAVOR DA ADOLESCÊNCIA	
Leonardo Augusto Madureira de Castro Isabella Fernanda Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.64119100710	
CAPÍTULO 11	79
EXPERIÊNCIAS INTERCULTURAIS E VIVÊNCIAS DE CIDADANIA: A LITERATURA INFANTIL COMO ESTRATÉGIA EDUCATIVA NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR	
Ariana Silva da Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.64119100711	
CAPÍTULO 12	94
FAÇA ARTE NO IFPR: ACESSO À EDUCAÇÃO, CIDADANIA E INCLUSÃO POR MEIO DA ARTE E DA CULTURA	
Máriam Trierveiler Pereira Kathleen Mariane da Silva Lorena Fernandes de Oliveira Terezinha dos Anjos Abrantes Creir da Silva Marcelo Trierveiler Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.64119100712	
CAPÍTULO 13	112
GRUPO DE TEATRO CATARSE: O TEATRO COMO POSSIBILIDADE DE DIÁLOGO SOBRE A INTOLERÂNCIA NA ATUALIDADE	
Ana Luiza Palhano Campos Silva Monick Munay Dantas da Silveira Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.64119100713	
CAPÍTULO 14	127
IDENTIDADES EM RISCO: O DISCURSO DISSONANTE DE CAROLINA MARIA DE JESUS	
Janaína Da Silva Sá	
DOI 10.22533/at.ed.64119100714	

CAPÍTULO 15	139
LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E AS CONTRIBUIÇÕES QUE OS ESTUDOS SOBRE LETRAMENTO TEM NOS REVELADO	
Laine Cristina Forati de Alencar	
DOI 10.22533/at.ed.64119100715	
CAPÍTULO 16	150
LITERATURA E GÊNEROS TEXTUAIS ADAPTADOS PARA A CULTURA SURDA	
Noemi Teresinha Gorte Nolevaiko	
DOI 10.22533/at.ed.64119100716	
CAPÍTULO 17	158
O GÊNERO RESENHA DE FILME: UMA ANÁLISE DESCRITIVA DAS CAPACIDADES DE LINGUAGEM	
Thaís Cavalcanti dos Santos	
Kathia Alexandra Lara Canizares	
Rosa Maria Manzoni	
DOI 10.22533/at.ed.64119100717	
CAPÍTULO 18	172
A IMPORTÂNCIA DA AULA DE LITERATURA NA ESCOLA	
Andréa Portolomeos	
Sophia Assis Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.64119100718	
CAPÍTULO 19	179
O LETRAMENTO NA VOZ DOS ACADÊMICOS DE PEDAGOGIA	
Jéssica Fernanda da Silva Gomes	
Rosana Mara Koerner	
DOI 10.22533/at.ed.64119100719	
CAPÍTULO 20	185
O TEATRO COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Aurora Fernanda Aquino Garcete	
DOI 10.22533/at.ed.64119100720	
CAPÍTULO 21	194
RELATO DE EXPERIÊNCIA SISTÊMICA EM SALA DE AULA: PROJETO PINTANDO COM GRAFITE - ESCOLA ESTADUAL PASCOAL RAMOS, CUIABÁ, MT	
Dilma Aparecida Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.64119100721	
CAPÍTULO 22	201
UMA ABORDAGEM DO TEXTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA ATRAVÉS DAS RODAS DE LEITURA	
Simone Aparecida Botega	
Andréa Portolomeos	
DOI 10.22533/at.ed.64119100722	

CAPÍTULO 23	209
UMA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE TEATRO NA EDUCAÇÃO E A PROBLEMÁTICA DA INDÚSTRIA CULTURAL E DA SEMIFORMAÇÃO NAS PESQUISAS	
Leonardo Augusto Madureira de Castro	
Isabella Fernanda Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.64119100723	
CAPÍTULO 24	223
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROGRAMA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA COM ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE SÃO CARLOS-SP	
Ana Caroline Marques de Souza	
Caroline Bastos de Souza	
Laís Ferraz de Assis Pinto	
Ariele Gomes Botelho	
Adriele da Silva Braga	
Fernanda dos Santos Mendes	
Iury Antônio Oliveira Sá	
Rosilene Côrrea dos Santos Mendes	
Valmir Samuel Farias	
Maristela Carbol	
Fernanda Vieira Rodovalho Callegari	
DOI 10.22533/at.ed.64119100724	
CAPÍTULO 25	228
LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO SEXUAL ADOLESCER: ESPAÇO DE TROCA DE EXPERIÊNCIAS	
Giseli Monteiro Gagliotto	
Franciele Lorenzi	
Franciéle Trichez Menin	
Gisele Arendt Pimentel	
Eritânia Silmara de Brittos	
DOI 10.22533/at.ed.64119100725	
CAPÍTULO 26	235
AQUISIÇÃO DAS PRIMEIRAS FORMAS DA LINGUAGEM INFANTIL	
Givaldo Carlos Candrinho	
DOI 10.22533/at.ed.64119100726	
SOBRE O ORGANIZADOR	239

DESVENDANDO UM LUGAR NO TEATRO POR MEIO DO DANJURO: A TÉCNICA A FAVOR DA ADOLESCÊNCIA

Leonardo Augusto Madureira de Castro

Mestre em Educação (UFMS)

Licenciado em Artes Cênicas (UEMS)

Professor efetivo da rede municipal de Ensino (SEMED/CG), Artista Cênico e Pesquisador

Campo Grande - Mato Grosso do Sul

Isabella Fernanda Ferreira

Doutora em Educação pela UNESP/Araraquara

Docente Permanente do programa de Pós-graduação em Educação da UFMS/CPAN

Docente Colaboradora no Programa de Pós-graduação em Educação da UFMS/FAED

Uma das fundadoras e também coordenadora na Rede Nacional/Internacional de Pesquisa “NEXOS Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar” dividida pelas cinco regiões do País

Líder do “NEXOS Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar – Centro-Oeste/Norte”

Membro como pesquisadora do Consórcio Internacional de Programas de Teoria Crítica organizado pela Filósofa Judith Butler:

<http://directory.criticaltheoryconsortium.org/organizations/nexos-critical-theory-and-interdisciplinary-research/>

Corumbá – Mato Grosso do Sul

RESUMO: O presente relato de experiência expõe os resultados observados do uso da técnica Danjuro e de seus conceitos no universo cênico para o educando/artista adolescente em

descobrimiento de si. Além do uso da técnica com esse público em específico ter sido pioneiro, o estudo analisou os resultados a partir dos princípios de observação e reconhecimento dos sentimentos do ator em qualquer circunstância cênica, aliando conceitos cênicos e pedagógicos de Augusto Boal. Propomos enxergar o trabalho cênico através de um terceiro olhar, de fora, para além de si ou do outro, para o contexto em que a cena (ou as diversas situações da vida) apresenta. Para isso, aulas em formato de oficina no contraturno dos estudantes interessados foram disponibilizadas dentro do ambiente escolar. Também importante mencionar que o que se apresentou posteriormente é que o que os possibilita com esta nova perspectiva é a teatralidade, a experiência, a prática de se observar em relação ao mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Investigação; Aluno-ator; Experiência; Danjuro.

ABSTRACT: The present report of experience exposes the observed results of the use of the Danjuro technique and its concepts in the scenic universe for the educating / adolescent artist in self discovery. In addition to the use of the technique with this specific audience, the study analyzed the results based on the principles of observation and recognition of the actor's feelings in any scenic circumstance, combining the scenic and pedagogical concepts of Augusto

Boal. We propose to see the scenic work through a third look, outside, beyond itself or the other, to the context in which the scene (or the various situations of life) presents. To this end, workshops in the form of workshops in the counterpart of interested students were made available within the school environment. It is also important to mention that what was presented later is that what enables them with this new perspective is the theatricality, the experience, the practice of observing in relation to the world.

KEYWORDS: Research; Student-actor; Experience; Danjuro.

1 | INTRODUÇÃO

A partir da experiência vivida, no início de 2013 em Campo Grande, na oficina “A Criação do Ator”, ministrada por Carolina Triguís e Priscila Carvalho, ambas de São Paulo/SP, com a apresentação e introdução aos conceitos e noções da Técnica Danjuro, houve o despertar para a presente pesquisa.

A Técnica Danjuro de interpretação tem características de enfoque voltadas ao trabalho de conceituação dos sentimentos e das sensações que o ator busca cenicamente. Em resumo, trata-se de dar nomes e memorizar os sentimentos que se deseja apresentar e colocar em prática na cena. Aliada a isso, a metodologia trata também de buscar o entendimento desses sentimentos através do que o personagem oferece ao ator e de como este o utiliza. Em seus princípios, o Danjuro influencia o ator a buscar a subjetividade de seu texto e o encaminha no sentido de criar uma visão afastada de seu trabalho para assim, ter certeza do que o ator, em cena, está propondo. Em outras palavras, a Técnica Danjuro de interpretação propõe ao ator se observar enquanto agente atuante, enquanto aquele que faz, interpreta e cria, reinventa sua humanidade no ato de agir em cena, pois “O ser torna-se humano quando inventa o Teatro.” (BOAL, 1996, p. 28)

Nesse sentido, fora plantada a necessidade de se expandir as pesquisas, os experimentos e as vivências das ministrantes e do grupo em outros tipos de coletivos, o que levou a temática ofertada à disciplina de Estágio Supervisionado Obrigatório II, do curso de Artes Cênicas e Dança, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), que comportava também a prática docente em ensino informal. Nessa pesquisa de campo, a técnica foi aplicada na oficina com os alunos da Escola Estadual João Carlos Flores, em Campo Grande-MS, de sétima série do ensino fundamental ao segundo ano do ensino médio.

Este artigo parte das experiências observadas do processo pedagógico com uso da técnica Danjuro voltada para o desenvolvimento cênico e pessoal destes adolescentes. Importa mencionar que o uso da técnica para esse público, em específico, tornou-se uma prática pioneira, visto que esta metodologia fora estudada recentemente e ainda não tinha sido trabalhada com essa faixa etária. O estudo analisou a técnica a partir de sua concepção de observação e reconhecimento dos sentimentos do artista para uso em circunstâncias cênicas na adolescência.

2 | A TÉCNICA DANJURO

Para se falar da técnica que inspirou a oficina, de início tratemos sobre seu criador, Amadeu Bernardo Silva. Segundo o próprio autor, o livro “A Técnica Danjuro de Interpretação”:

[...] apresenta, sob a forma de manual prático, a técnica Danjuro de interpretação que tem como princípio e diferencial a utilização da capacidade perceptiva e energética natural do homem aplicada à interpretação, propiciando ao artista uma interpretação comandada por seu emocional promovendo um forte impacto na plateia e fazendo valer a importância de sua arte pela contribuição realizada para o enobrecimento do espectador.

[...]

A metodologia, desenvolvida e nomeada de Técnica Danjuro de Interpretação foi ministrada e testada em cursos e workshops por cerca de cinco anos, antes de sua publicação.

O título dado ao livro nele apresentada é uma homenagem a Danjuro IX (...). As características de sua atuação, a nobreza com a qual exercia a função de artista e sua contribuição às Artes Cênicas foram o incentivo e guia para as pesquisas realizadas, cujos resultados são aqui apresentados sob a forma de metodologia de construção emocional e interpretação da personagem. (SILVA, A. B. 2013a)

Danjuro IX, citado por Silva, foi um ator do estilo de teatro oriental Kabuki, que tem sua origem no Japão. Em entrevista, o autor explica qual era a intenção de Ichikawa Danjuro, ator o qual ele se inspira para estudar e compilar a técnica:

[...] Se alguém o aplaudisse em cena, no dia seguinte ele mudava, se alguém parou para aplaudir, é porque tinha defeito na arte. Ele dizia que isso é perder a dignidade do ator, da arte. O ator passava a ser mendigo do público, de aplausos. Outra coisa interessante era que ele, quase sem se movimentar, mantinha o público preso em sua atuação. Era pela força da emoção que se prendia o público. Ichikawa dizia que quando a arte da cena é bem feita o público se esquecia até de aplaudir. O público era guiado pela sensação dos sentimentos. (SILVA, A. B. 2013b)

A introdução ao conhecimento da Técnica Danjuro se deu por meio da oficina “A Criação do Ator” ministrada pela atriz e diretora Priscilla Carvalho, que ajudou Amadeu Bernardo a estudar na prática a metodologia de interpretação e pela atriz e pesquisadora Carolina Triguís, em Campo Grande, no início de 2013. Aos participantes da oficina, foi demonstrada a metodologia de criação cênica Danjuro que, segundo seu autor, consiste basicamente em capacitar o artista cênico em uma nova forma de construir personagens e impactar o público.

Durante os seis dias de oficina, novas informações para os que ali estavam foram se instaurando. Para essa ocasião, em específico, os organizadores, em conjunto com as ministrantes, preocuparam-se em selecionar os participantes restringindo a atores profissionais, ou que tinham experiência cênica, solicitando assim, no ato da inscrição uma descrição resumida do currículo artístico de cada interessado.

3 | A TÉCNICA APLICADA COM ADOLESCENTES

Após a oficina, uma inquietude trouxe à tona a necessidade de pesquisar ainda mais profundamente o que apresentava a técnica. Essa inquietude compreendia o uso dos ensinamentos da metodologia do Danjuro em um universo diferente do apresentado na oficina, ou seja, neste caso, com adolescentes dentro do ensino informal.

Essa oportunidade de pesquisa também se fez necessária a partir da grade curricular proposta pelo curso de Artes Cênicas e Dança da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul na disciplina de Estágio Curricular Obrigatório II, que entendia a formulação de um estágio sob o regime de regência. Para isso, um estudo prévio para melhor compreender a técnica e como ela poderia ser compartilhada com adolescentes foi necessário, o que justificou uma entrevista com Silva, autor da metodologia, principalmente questionando sobre o possível uso da técnica para não-atores adolescentes.

Sendo assim, demos início assim a um grupo forte de vinte e seis adolescentes que, desde o dia 17 de maio de 2013, início da oficina de teatro e dança “Danjuro Para Adolescentes”, se mostrou interessado e atuante no estudo e prática da metodologia cênica.

Para a disciplina de Estágio Supervisionado Obrigatório II, os alunos do curso de Artes Cênicas e Dança deveriam formular seu projeto de estágio e seu plano de ensino. Para tal, o mesmo plano de ensino ofertado na oficina “A Criação do Ator” foi reorganizado para trabalhá-lo com os alunos do estágio na oficina “Danjuro Para Adolescentes”. A vantagem, nesse caso, seria que esses alunos poderiam ter mais tempo com a prática da metodologia. Para essa ocasião, somente algumas mudanças foram necessárias no modo como a técnica fora compartilhada.

A partir da oficina e das entrevistas com Amadeu Bernardo Silva, percebemos que o Danjuro poderia ser explicado por meio de alguns princípios pedagógicos observados em sua prática, princípios estes que foram discutidos no primeiro dia de estágio com os alunos da Escola Estadual João Carlos Flores. São eles:

- I. **Não julgue** - Era de extrema importância que os alunos se sentissem à vontade para criar e, para isso, foi concordado que os alunos não julgariam a ninguém durante as aulas, nem nos exercícios, nem nas ideias propostas de cada participante. Tentaríamos extinguir o máximo possível qualquer atitude excludente de nossas aulas, sendo ela uma represália ou até mesmo um olhar de desaprovação, pedindo para eles, inclusive, não se julgarem também, pois estávamos todos aprendendo juntos.
- II. **Não existem erros** - Para que se extinguissem os julgamentos, foi necessário instaurar nas aulas que nada do que seria feito ou dito poderia ser considerado como um erro. Assim, os alunos não tinham medo de tentar realizar os exercícios propostos simplesmente pelo fato de terem a certeza de que, apesar de não conseguirem realizar tudo que lhes fosse

pedido, ainda assim, não errariam, e tampouco seriam julgados por isso.

III. Fale e faça tudo que sentir vontade em voz alta e para todos verem e ouvirem – Esse princípio se fez necessário na medida em que os alunos, mesmo com um entendimento de que jamais deveriam julgar e que suas criações não caracterizavam erro algum, se sentiam intimidados em suas vontades e criações espontâneas. Este princípio demorou um pouco para ser aceito e seguido, pois, sendo comum nesta idade, os alunos brincavam bastante uns com os outros brincadeiras que não faziam parte diretamente dos exercícios propostos, mas que, à medida que eles entenderam e praticaram tal princípio, passamos a utilizar tudo o que eles falavam e faziam, à favor da aula.

IV. Questione – Concordamos com a turma que verdades absolutas não existiam de fato e que deveriam ser todas questionadas e que a verdade de qualquer afirmação é cíclica e muda dependendo da cultura, do momento e das características socioeconômicas as quais se insere cada uma.

V. Seja disponível – Para que cada aluno passasse inteiramente pelas propostas da metodologia, ficou acertado de que eles, durante as aulas, se manteriam disponíveis para cada exercício ofertado pelos professores/ estagiários. Bondía afirma em seu texto “Notas sobre a experiência e o saber da experiência” que

[...] o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. (BONDIA, 2002, pág. 5)

VI. Você não é você – Esse princípio foi, em todo momento, reforçado durante a oficina e também no estágio. Ele diz respeito à “terceira visão” citada anteriormente, na qual o ator deve se manter atento e buscar entender e utilizar, deixando claro que eles poderiam não pensar somente em si mesmos como atores e buscassem compreender que eles poderiam se ver com distanciamento para, assim, conseguir demonstrar os sentimentos propostos e manipular a “sensação resultante”, também citada na oficina. Ainda, segundo Bondía, entendemos que a cada experiência vivida, constrói-se um saber diferenciado e que

[...] o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. (BONDIA, 2002, p. 8)

Partindo dos princípios de ensinamento de que o Danjuro propõe, como trabalhar

as sensações, o reconhecimento dos sentimentos pelo ator e a busca por uma percepção distanciada do ator para si mesmo, percebemos que esses adolescentes começaram a lidar mais abertamente com questões pessoais que, em geral, nem foram tratadas ao longo do estágio. Esse fato foi percebido, especialmente, por meio dos relatos feitos pelos alunos.

4 | DESVENDANDO O OUTRO LUGAR

Vejamos a definição de Arte dada por Berthold Brecht.

A arte é uma situação e não uma coisa. E esta situação quando se dá é tão intensa quanto frágil e instável. Para fazer uma comparação é como a felicidade. O grande erro dos infelizes é achar que a felicidade é coisa permanente. É um estado, uma situação que se manifesta em determinados momentos, mas quando ocorre, é tal sua intensidade, que pode modificar inteiramente sua vida. Arte é isso. (BRECHT, 1976.)

Confrontando esta definição com a pesquisa apresentada e o contexto deste trabalho, podemos nos ater desta para também descrevermos o processo pedagógico pelo qual estes alunos passaram a experienciar pelo contato com o teatro e com a metodologia apresentada. A Arte Educação pode ser entendida também como a transformação do indivíduo após e por meio da experiência artística, da criação, do trabalho coletivo, e é justamente esse processo de Educação por meio da Arte que observamos nas palavras do dramaturgo alemão e nas falas dos alunos durante as oficinas.

Após trabalharmos os princípios e criarmos um ambiente de criatividade coletiva, os alunos se propuseram a montar um experimento cênico que foi apresentado ao final do período de estágio.

Foi próxima a data da apresentação da peça, que eles mesmos desenvolveram o argumento, que começavam a compreender o que é ser um(a) artista cênico(a), o estar no palco, a necessidade de não apenas controlar seus sentimentos em frente à plateia, mas para isso, entendê-los, entender a si mesmos, perceberem-se atores e atrizes, observarem-se atuar, se olhar com a terceira visão proposta pelo Danjuro para poderem controlar o próprio corpo em cena, ou seja, a vivenciarem a teatralidade.

Sobre esta auto-observação, Boal já discutia o nascimento do teatro e do ser humano a partir desta proposta de terceira visão pelo ator:

[...] O teatro nasce quando o ser humano descobre que pode observar-se a si mesmo: ver-se em ação. Descobre que pode ver-se no ato de ver – ver-se em *situação*.

Ao ver-se, percebe o que é, descobre o que não é, e imagina o que pode vir a ser. Percebe onde está, descobre onde não está e imagina onde pode ir. Cria-se uma tríade: EU observador, EU em situação, e o Não-EU, isto é, o OUTRO. O ser humano é o único animal capaz e se observar num espelho imaginário (antes deste, talvez tenha utilizado outro – o espelho dos olhos da mãe ou o da superfície das águas – porém pode agora ver-se na imaginação, sem esses auxílios. [...])

Esta é a essência do teatro: o ser humano que se auto-observa. O teatro é uma atividade que nada tem a ver com edifícios e outras parafernalias. Teatro – ou teatralidade – é aquela capacidade ou propriedade humana que permite que o sujeito se observe a si mesmo, em ação, em atividade. O autoconhecimento assim adquirido permite-lhe ser *sujeito* (aquele que observa) de um *outro sujeito* (aquele que age); permite-lhe imaginar variantes ao seu agir, estudar alternativas. O ser humano pode ver-se no ato de ver, de agir, de sentir, de pensar. Ele pode se sentir sentindo, e se pensar pensando.

[...] Só *o ser humano* triadiza (Eu que observo, Eu em situação e o não-Eu) porque só ele é capaz de se dicotomizar (ver-se vendo). (BOAL, Augusto, 1996, p. 27-28)

E foi com estes processos de autodescobrimento que, ao serem capazes de dicotomizar, perceberam a responsabilidade que afeta a todos diretamente (colegas e público) que é estar em cena. E só por isso, se resignificaram.

5 | DESVENDANDO UM LUGAR NO TEATRO

Após tal experiência, todos os alunos foram questionados em entrevista, sobre como a metodologia Danjuro afetou diretamente a vida deles nos mais amplos sentidos (sociais, psicológicos, comportamentais, etc).

Os alunos deixam claro como a metodologia Danjuro ajudou na compreensão de quem eles são atualmente, mas fica ainda mais claro que a metodologia estudada em si não é o grande protagonista desta história e sim a própria experiência da teatralização, do fazer teatro, do estar em cena, do se auto estudar e de estudar os outros. Parece que o ensino do Teatro em si já foi o suficiente para mostrar a estes alunos que existem limites a serem quebrados dentro de cada ser humano e que eles podem crescer e amadurecer exponencialmente. Claro também que a técnica Danjuro tem sua maneira de organizar como a teatralidade (e quando digo teatralidade, refiro ao dia a dia em contato com jogos teatrais e cênicos, textos, cenas, etc.) é introduzida na vida destes adolescentes, mas é o teatro em si que os possibilita ter situações que os unificaram, transformaram, humanizaram. Vemos esse objetivo sendo concretizado e esse meio de chegarmos a ele principalmente quando perguntados se eles se lembram dos seis princípios utilizados diariamente no ensino da técnica. Nenhum dos alunos se lembrou de todos, mas a maioria jamais esqueceu o “NÃO JULGUE” e/ou o “VOCÊ NÃO É VOCÊ”.

O primeiro se mostra até como uma necessidade quando se comunga de uma sociedade carente de compreensão dos processos de desenvolvimento humano. Nosso mundo capitalista, aonde sobrevive o melhor, o mais forte, o mais inteligente, o mais brilhante, não parece dar muitas oportunidades para estes adolescentes que a princípio estão na margem da sociedade. Mas, depois de ficar um ano sendo cobrados a não julgar seu próximo e a usarem isto em sua arte, estes seres humanos, alunos/atores em formação, de fato resignificaram sua própria maneira de se observar e

quando assim o fazem, mudam como observam os outros e como são observados.

O segundo os leva a repensarem a si mesmos, repensarem o mundo a sua volta e como ele (o aluno, o ator, o spect-ator) se relaciona com este. É uma forma de se colocar na pele do outro (personagem e semelhante) e não somente o representar com distanciamento (mesmo sabendo que este outro se esvai ao final da apresentação, deixa de existir enquanto ser alegórico). É a aprendizagem na prática sobre empatia com a personagem (e através da personagem com si próprio) e com o público. É entender que todos fazem parte de um todo, como em uma peça de teatro, aonde todos dependem de todos. O ensino do teatro, a Arte Educação em si, dá objetivo ao que o aluno/artista é em essência e por isso o torna parte essencial de um todo, de um mundo que ele mesmo domina e rege, o seu próprio eu, ligado a todos os outros “mundos” que o cercam. Talvez por isso, todos ainda pretendam fazer teatro.

6 | CONSIDERAÇÕES

É interessante observar que, em prática, o ensino e aprendizado da metodologia de criação cênica Danjuro, pedagogicamente, foi intermédio para um maior preparo emocional destes alunos e inclinou o pensamento deles para a busca de seu autoconhecimento através das Artes Cênicas. Fato é que esse grupo, antes desconhecido e despreocupado, tornou-se unido e empenhado inclusive na criação e montagem de um espetáculo, além de demonstrar uma grande confiança para com eles mesmos.

Este trabalho finaliza o processo de pesquisa da prática e da observação dos resultados posteriores do uso do Danjuro com os alunos de sétima série do Ensino Fundamental ao segundo ano do Ensino Médio da Escola Estadual João Carlos Flores, também com a criação do experimento cênico “Como Vem, Te Mente?”, apresentado durante o mês de outubro e início de novembro de 2013, sendo ensaiado em horário de contra turno pelos alunos que, antes destes meses de trabalho, pouco tinham se relacionado.

O que se pode perceber é como a prática teatral, com princípios pedagógicos cativos, de incentivo à autorreflexão enquanto sujeito ativo, enquanto artistas cênicos, pôde contribuir na formação humana, social e sensível desse coletivo.

Segundo Olga Reverbel, uma das precursoras do movimento conhecido como Teatro e Educação, alinhada às questões da cena e da educação contemporânea, o verdadeiro papel do Teatro na Educação:

[...] é o de contribuir para o desenvolvimento emocional, intelectual e moral da criança, correspondendo fielmente aos seus anseios e desejos, respeitando-lhe as etapas do pensamento que evolui do concreto para o formal, para dar-lhe uma visão de mundo a partir da marcha gradativa das suas próprias descobertas [...]. (REVERBEL *In*: CAVASSIN, 2008, p. 44)

Para finalizar, ilustramos este texto, não concluído, mas mais amadurecido, com um enxerto do relato de uma das alunas em suas anotações sobre o que é para ela, os momentos da vida que podem ser dedicados a viver experiências como a que eles viveram: “Nossas lacunas da vida podem ser preenchidas de várias formas, possibilidades, perfumes, beijos... E o que define sua intensidade é a dosagem aliada à sua maneira de ver a vida.” (L. 16 anos).

Esta percepção fica clara na fala da aluna quando a mesma pensa suas “lacunas” como algo preenchível também com “maneiras de ver a vida”, frase esta que evidencia que o objetivo da metodologia de trazer ao estudante ferramentas para se autodirigir, para se observar, foram alcançadas, mas só foram alcançados graças às experiências vividas, ou seja, à teatralidade.

REFERÊNCIAS

BOAL, A. **O arco íris do desejo: o método Boal de teatro e terapia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BONDIA, J. L. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução de João Wanderley Geraldi. In: Revista Brasileira de Educação. São Paulo, 2002.

BRECHT, B. **Escritos sobre el Teatro**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión. 3 vols. 1970, 1973, 1976.

CAVASSIN, J. **Perspectivas para o teatro na educação como conhecimento e prática pedagógica**. R.cient./FAP, Curitiba, v.3, p.39-52, jan./dez. 2008.

SILVA, A. B. **A técnica Danjuro de interpretação**. Rio de Janeiro: Editora Oficina do Livro. 2010.

_____. Blog BrArtistas. **A técnica Danjuro de interpretação**. Postagem do dia 27 de Janeiro de 2011. Disponível em: <<http://braartistas.blogspot.com.br/2011/01/tecnica-danjuro-de-interpretacao-nas.html>>, Acesso em: 10 abr. 2013a.

_____. **Entrevista cedida via Skype**. Realizada em: 22 abr. 2013b.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-464-1



9 788572 474641